



Profissões de Cerro Branco¹

Alexandre Gomes GASPARINI²

Nivea Canalli BONA³

Faculdade Internacional de Curitiba, Curitiba, PR

RESUMO

Este trabalho faz leva em conta a reportagem fotográfica como meio essencial para a comunicação e entendimento do mundo pela população em geral, e visa apresentar uma de uma sequência de fotografias no formato jornalístico documental. A fotografia tema (O Barbeiro), assim como sua sequência, fazem parte do trabalho de conclusão de curso do aluno líder. Produzidas na cidade de Cerro Branco - RS, tanto a imagem tema quanto as demais foram captadas durante as atividades do Projeto Rondon realizadas na cidade por alunos da Faculdade Internacional de Curitiba na área de comunicação. Este projeto foi desenvolvido como forma de auxiliar o município que tem apenas 21 anos de criação na construção de sua história nos moldes jornalístico e documental.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; fotografia jornalística; reportagem fotográfica; fotoetongrafia; fotografia documental.

INTRODUÇÃO

Ao falar de fotografia, principalmente relacionando-a a análises sociais, é importante ter em mente já de início, algumas incongruências que podem ocorrer entre as partes envolvidas no processo, tanto de produção quanto de análise e interpretação das fotografias.

”a fotografia está embebida em subjetividade no que diz respeito à interpretação das imagens, não podemos negar que a subjetividade está presente também no processo de criação da imagem [...] ao mesmo tempo a fotografia mantém seu compromisso com o real e a evidencia dos fatos. A essência da fotografia consiste no seu compromisso com o real” (BITTENCOURT apud DINIZ; VEIGA, 2010, p. 4).

A fotografia, no início de seu desenvolvimento, era intimamente ligada à pintura, mais especificamente de retratos, e como surgiu numa época influenciada pelo movimento renascentista, trazia consigo um “vício” de olhar desse movimento. Esse “vício” impedia o desenvolvimento e a independência da linguagem fotográfica época, tendo como objetivo único retratar o mundo de um ponto de vista considerado ideal e belo. A partir do

¹ Trabalho submetido ao XVIII Prêmio Expocom 2011, na Categoria de jornalismo, modalidade de fotografia jornalística.

² Aluno estudante do 8º. Semestre do Curso de jornalismo, email: gasparinifotografia@hotmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de jornalismo, email: bonanivea@gmail.com.



crescimento das teorias filosóficas como as de Kant⁴, que sugeria que cada área do saber deveria criar seus próprios códigos de atuação, deu-se início aos movimentos surrealistas (BRAUNE, 2000, p. 13).

O Surrealismo surgiu apoiado na filosofia nietzschiana, no sentido de tirar-nos de tantos séculos de letargia social, tentando libertar o homem da alienação oriunda de uma sociedade calcada nos preceitos da razão, da ética, da moral e dos cânones religiosos erigidos sobre as bases da verdade absoluta e da inquestionabilidade dos dogmas. (BRAUNE, 2000, p. 21)

A partir daí, a fotografia passou a ser explorada em sua vertente mais óbvia, que era a realidade social urbana da época, recheada de contrastes e perturbações. Braune explica que esta nova busca da fotografia pretendia retratar lugares esquecidos, que provocassem enorme mal-estar, “onde raramente há qualquer referência humana, e quando há, é marcada pelo isolamento, pela solidão, pela sua total desconexão com a sociedade, prevendo um futuro ameaçador e de incertezas” (2000, p 15).

O olho do fotógrafo voltava-se, portanto, para tudo o que era não-oficial, enveredando pelos becos escuros, conferindo importância aos desvalidos, a uma sociedade marginal, onde o ser humano encontrava-se em total desarmonia com a euforia desenvolvimentista da modernidade, dirigindo-se, enfim, para uma realidade banida dos privilégios burgueses, ou seja, para a supra-realidade, aos olhos da sociedade oficial. (BRAUNE, 2000 p.15)

Jorge Pedro Souza (2002) situa a Alemanha pós-primeira guerra como berço do fotojornalismo moderno. Nessa época de reconstrução, surgiram inúmeras manifestações artísticas e culturais, que culminaram no fortalecimento da imprensa, principalmente. No período dos anos 20 aos anos 30 do século XX, a Alemanha era considerada o país com maior número de publicações como revistas e jornais que utilizavam a fotografia como referência. Após o sucesso das revistas ilustradas alemãs e influenciadas por elas, Reino Unido, França e Estados Unidos criaram suas primeiras publicações baseadas em imagens, como as revistas *Vu*, *Regards*, *Picture Post* e *Life* (2002, p. 17). Apesar disso, os editores de jornais resistiram durante muito tempo em utilizar as fotografias como fonte de contextualização das notícias, por considerarem que as imagens não se enquadravam nas tendências jornalísticas da época (HICKS apud SOUZA, 2002, p. 13).

⁴ Filósofo alemão (1724-1804), autor da *Crítica da Razão Pura*, *Crítica da Razão Prática* e *Crítica do Juízo* e dos *Fundamentos da Metafísica dos Costumes*.



De acordo com Souza, “o fotojornalismo é uma actividade singular que usa a fotografia como um veículo de observação, de informação, de análise e de opinião sobre a vida humana e as consequências que ela traz ao Planeta” (2002, p. 5). Ao adentrar na questão das variantes do fotojornalismo e dos indícios que o caracterizam como tal, Souza explica que é difícil delimitar o campo, mas divide a atividade em duas vertentes, fotografias noticiosas e fotodocumentalismo, explicando suas diferenças:

De uma forma ampla, o fotodocumentalismo pode reduzir-se ao fotojornalismo, uma vez que ambas as actividades usam, frequentemente, o mesmo suporte de difusão (a imprensa) e têm a mesma intenção básica (documentar a realidade, informar, usando fotografias). Porém, e em sentido restrito, por vezes distingue-se o fotojornalismo do fotodocumentalismo pela tipologia de trabalho. Um fotodocumentalista trabalha em termos de projecto fotográfico. Mas essa vantagem raramente é oferecida ao foto-repórter, que, quando chega diariamente ao seu local de trabalho, raramente sabe o que vai fotografar e em que condições o vai fazer. [...] Em todo o caso, fazer fotojornalismo ou fazer fotodocumentalismo é, no essencial, sinónimo de contar uma história em imagens, o que exige sempre algum estudo da situação e dos sujeitos nela intervenientes, por mais superficial que esse estudo seja. (SOUZA, 2002, p. 8-9)

A partir destas teorias é possível que as imagens tema deste estudo tenham efeitos muito intensos sobre os personagens retratados e sobre a opinião pública da região onde as imagens foram produzidas, pelo fato de terem sido captadas em um contexto metodológico, propiciando uma visão diferente do habitual dos moradores sobre seus próprios costumes.

2 OBJETIVO

Proporcionar à população da cidade onde foram produzidas as imagens (Cerro Branco – RS) uma visão diferente sobre as cenas cotidianas de seu município, principalmente na questão cultural, como as formas do exercício das profissões, com intuito de provocar diferentes sentimentos e impressões.

3 JUSTIFICATIVA

As atividades do Projeto Rondon são desenvolvidas nas cidades visitadas pelo período de 15 dias, e este período é reconhecidamente insuficiente, por parte dos alunos e professores participantes, para a aplicação eficiente de projetos como este, de desenvolvimento sócio econômico e cultural com o auxílio das universidades. Pelo pouco

tempo disponível, não foi possível levar ao conhecimento de toda a população da cidade as imagens produzidas, e por consequência ficou inviável medir de forma eficiente as impressões causadas por elas. Tendo em vista a importância do tema proposto neste estudo, e a relevância social que tem o Projeto Rondon, a equipe de comunicação da Facinter sentiu-se na obrigação de dar continuidade a este projeto, colaborando cientificamente com o desenvolvimento do Brasil.

Apesar de a fotografia permitir inúmeras abordagens em diversas áreas de estudo, neste trabalho eles são analisados como formas de comunicar. Roland Barthes em uma de suas poucas análises positivistas em relação à fotografia diz que:

Ver-se a si mesmo (e não em um espelho): na escala da história, esse ato é recente, na medida em que o retrato, pintado, desenhado ou miniaturizado, era, até a difusão da fotografia, um bem restrito, destinado, de resto, a apreçoar uma situação financeira e social – de qualquer maneira, um retrato pintado, por mais semelhante que seja (é o que procuro provar), não é uma fotografia. É curioso que não se tenha pensado no distúrbio (de civilização) que esse ato novo traz. Eu queria uma história dos olhares. Pois a fotografia é o advento de mim mesmo como outro: Uma dissociação astuciosa da consciência de identidade (BARTHES, 2006, p. 25).

A idéia colocada no texto por Barthes serve como marco inicial desta justificativa, pois o presente trabalho relaciona imagens e suas consequências sobre uma cidade do interior, pequena, com cerca de 4.500 habitantes, de colonização alemã. Cerro Branco, apesar do atual contexto tecnológico mundial, parece não estar inserida neste cenário. Isto se justifica através das imagens produzidas na cidade, que mostram profissões e costumes mantidos conforme tradições. Os moradores mais antigos, que foram foco na produção das imagens por serem detentores das histórias e tradições locais, não têm seus relatos e conhecimentos registrados de forma metodológica. Por isso as fotografias poderão gerar o “distúrbio” descrito por Barthes, propiciando grande originalidade aos resultados deste estudo.

Na área da educação, é possível que a documentação fotográfica seja de grande importância, pois as imagens poderão ser usadas pelas escolas da região, apresentando aos alunos um pouco de sua história, contada através de um ensaio fotojornalístico onde seus próprios pais, avós ou parentes são os personagens. Dessa forma, o aluno natural de Cerro Branco já se desenvolveria com um maior senso de cidadania.

As imagens produzidas com foco jornalístico documental poderão também dar base ao município para a construção de uma identidade histórica própria, já que, por ter sido

emancipado há apenas 22 anos, ainda carrega uma identidade cultural de seu antigo nome e atual município vizinho de Cachoeira do Sul. A criação dessa identidade cultural poderá fortalecer na população um sentimento afetivo com sua cidade e sua história, colaborando para a elevação da auto-estima dos moradores, principalmente os mais jovens. Assim, este trabalho se baseia na idéia de que é possível “transformar a consciência do ser humano através das emoções que as imagens provocam” (PERSICHETTI apud DINIZ; VEIGA, 2010, p. 5).

A fotografia estabelece em nossa memória um arquivo visual de referência insubstituível para o conhecimento do mundo. Essas imagens, entretanto, uma vez assimiladas em nossas mentes, deixam de ser estáticas; tornam-se dinâmicas e fluidas, e mesclam-se ao que somos, pensamos e fazemos. Nosso imaginário reage diante das imagens visuais de acordo com nossas concepções de vida, situação sócio econômica, ideologia, conceitos e preconceitos (KOSSOY apud FURTADO, 2008, p. 12).

Ainda sobre os efeitos das imagens em determinados grupos de pessoas, Susan Sontag faz referência à “Caverna de Platão”⁵ para contextualizar a importância das imagens fotográficas sobre os indivíduos:

Essa insaciabilidade do olho que fotografa altera as condições do confinamento na caverna: o nosso mundo. Ao nos ensinar um novo código visual, as fotos modificam e ampliam nossas idéias do que vale a pena olhar e sobre o que temos direito de observar (SONTAG, 1977, p. 13)

Em uma entrevista⁶ em forma de vídeo, o fotógrafo e artista plástico brasileiro Arthur Omar comenta sobre um projeto desenvolvido pelo também fotógrafo J. R Duran. A transcrição de sua resposta cabe bem para contextualizar a justificativa deste trabalho:

A arte é um alimento, uma fórmula, ela é um combustível que permite ativar a identidade, o reconhecimento, e permite também ampliar as possibilidades de perceber o mundo. A arte no campo fotográfico especificamente é algo que está correlacionado com a percepção, seja a percepção física, seja a percepção conceitual das coisas, do nosso papel, da nossa posição dentro da sociedade e do universo como um todo. Então eu acho importante este tipo de trabalho, essa devolução da imagem à comunidade de onde ela foi extraída. (OMAR, 2010)

⁵ Teoria filosófica criada por Platão para exemplificar como podemos ver as coisas de outras perspectivas, para poder nos libertar do confinamento de nossas mentes em relação ao mundo.

⁶ Neste projeto, Duran reúne fotografias feitas em comunidades e vilarejos durante suas viagens pelo mundo, e retorna a estes locais com as imagens e as exhibe para os moradores locais. Pensando em imagens mais especificamente na fotografia documental como forma de arte, Arthur Omar é questionado sobre até que ponto o espectador se reconhece na arte, e até que ponto esta arte pode transformar esta sociedade reconhecida.



Essas são algumas das principais motivações para o desenvolvimento deste trabalho, que visa colaborar e dar embasamento científico para um possível projeto de fortalecimento da imagem do município de Cerro Branco por meio das imagens produzidas sobre a cidade e seus habitantes.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A fotografia tema deste trabalho, assim como sua sequência foram produzidas com base em teorias da fotografia jornalística e documental atreladas à princípios da antropologia da imagem e pesquisa etnográfica em função da comunicação Social.

No que diz respeito à teoria etnográfica pode-se considerar segundo Lúcia Guimarães de Mattos que:

A etnografia é um processo guiado preponderantemente pelo senso questionador do etnógrafo. Deste modo, a utilização de técnicas e procedimentos etnográficos, não segue padrões rígidos ou pré-determinados, mas sim, o senso que o etnógrafo desenvolve a partir do trabalho de campo no contexto social da pesquisa. Estas técnicas, muitas vezes, têm que ser formuladas ou criadas para atenderem à realidade do trabalho de campo. Nesta perspectiva, o processo de pesquisa será determinado explícita ou implicitamente pelas questões propostas pelo pesquisador (MATTOS, 2001, p. 1).

Em seu artigo, Mattos explica que em pesquisas etnográficas aplicadas, faz-se necessário um período de convívio com o grupo a ser estudado. Segundo ela esse período é importante, pois faz com que o pesquisador se habitue de forma consistente à realidade daquelas pessoas, de forma a concluir suas análises adaptando-as à visão que as pessoas estudadas têm de si próprias (2001, p. 2). Para a produção do material documental, tema de análise deste estudo, houve uma convivência com a população de Cerro Branco durante quinze dias. Esse período apesar de insuficiente para análises nos termos etnográficos foi útil no sentido de conhecer, em termos gerais, os costumes e características dos moradores. Foi possível acompanhar a rotina dos moradores, observá-los em suas atividades diárias registrando suas declarações, como requer a pesquisa etnográfica: Em etnografia, são observadas as formas como determinados grupos sociais conduzem suas vidas em atividades cotidianas. “O objetivo é documentar, monitorar, encontrar o significado da ação” (2001, p. 2).

Outro princípio que serve para embasar este artigo é o da Antropologia da Imagem. Segundo Roseane de Andrade é em uma abordagem mais social que a antropologia da



imagem se baseia. De acordo com ela “as imagens dialogam com a realidade e com a representação dessa realidade – as imagens também são observações estéticas e documentais da realidade” (ANDRADE, 2002, p. 18). Um estudo como o deste trabalho, que engloba um projeto de identidade visual histórica de uma cidade, envolve grande responsabilidade, principalmente se tratando de um município que tem muito pouco dessa história documentada em imagens.

Quando nos lançamos na aventura de conhecer uma outra cultura, não podemos abrir mão das tradições antropológicas; elas nos dão dicas importantes no caminho a seguir, mas é preciso ter cuidado para não transformar esse caminho em uma visão unívoca (JUNQUEIRA in: ANDRADE, 2002, p. 15)

Experimentar em campo sentimentos que o grupo estudado desperta, pode ser de extrema importância para o resultado final (ANDRADE, 2002, p. 26).

Nesse ponto, a abordagem pode ser baseada nas autoras Livia Gabriela dos Santos Diniz e Adriana Imbriani Marchi Veiga que se utilizam da antropologia visual. Definem este termo como área da antropologia “que estuda como se dá no ser humano, o processo de conhecimento e compreensão da realidade sensível e do cotidiano dos indivíduos em suas atividades corriqueiras” (DINIZ; VEIGA, 2010, p. 3).

As autoras explicam que fotografia utilizada de forma etnográfica pode contribuir significativamente para a criação de uma nova perspectiva visual, pois as imagens trazem em si o caráter de documento. Esse caráter vem dos dados culturais adquiridos em campo pelo autor, a partir da estreita convivência com seu ambiente de estudo (2010, p. 3). Pensando exclusivamente em fotografia como fonte de conhecimento, as autoras explicam que:

É de extrema importância que a sociedade tenha informações que possam contribuir para o seu desenvolvimento social. Neste sentido, a imagem fotográfica pode ser utilizada como instrumento de interpretação do real e, assim, favorecer o processo de análise de um determinado campo proposto, em relação à verdade apresentada e ao recorte ou fragmento da realidade selecionada, o que estimula o desenvolvimento de uma interpretação crítica e sensível do quadro e do extraquadro da fotografia (DINIZ; VEIGA 2010, p. 3).

O campo da antropologia estuda constantemente e de forma extensiva a relação entre imagem e representação da realidade. Foi justamente neste campo de estudo que



surgiu o termo “fotoetnografia⁷”. Essa expressão pode ser usada para definir melhor o conceito de análise proposta neste trabalho, pois, segundo Diniz e Veiga, “a fotoetnografia, além de propiciar o estudo do homem inserido em sua realidade, busca instigar a percepção visual e reflexão acerca dessa realidade, auxiliando, desse modo, a construção sócio-cultural (2010, p. 7).

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Por se tratar de um trabalho voluntário realizado na da temática do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, o ensaio fotográfico foi concebido sob as regras e técnicas do fotojornalismo, buscando imagens que transmitissem a essência do ambiente, costumes e personalidade dos moradores da região.

O município de Cerro Branco fica no Centro Oriental Rio-Grandense, a 220 km de Porto Alegre. Foi instalado em 1988 após plebiscito solicitando a emancipação de seu município de origem, Cachoeira do Sul. Cerro Branco tem atualmente uma população de 4.227 habitantes segundo o censo do IBGE⁸. Durante a visita dos integrantes do Projeto Rondon na cidade, e, por meio de levantamentos feitos pela equipe do projeto junto à prefeitura municipal, observou-se que, por se tratar de um município relativamente novo, completando 21 anos de emancipação em 2010, não existiam projetos estruturados em relação ao levantamento histórico do município baseados em imagens. As informações sobre a história e a identidade do município se concentravam basicamente na memória dos moradores mais antigos como se pode constatar durante as conversas com moradores. Desta constatação veio a idéia de ampliar as fronteiras deste trabalho voluntário na área de comunicação desenvolvido durante o Projeto Rondon, transformando-o em tema de análise científica na conclusão do curso de jornalismo.

De acordo com as constatações sobre as necessidades do município, a proposta da área de comunicação da Facinter para o Projeto Rondon de 2009 foi a produção de um videodocumentário contendo declarações dos moradores mais antigos, que poderiam contar em mais detalhes a história do desenvolvimento da cidade. Paralelamente ao videodocumentário, foram feitas diversas imagens fotográficas com foco documental, para mostrar a cidade, seus personagens e suas belezas com um olhar diferenciado. Para a

⁷ Termo que designa uma das modalidades da antropologia visual, criada pelo antropólogo brasileiro, Luiz Eduardo Robison Achutti. A fotoetnografia é o registro, por meio de fotografias em sequências narrativas, de formas culturais captadas pela lente do pesquisador.

⁸ Dados retirados do site da Federação das Associações de Municípios do Rio Grande do Sul em 09/10/2010. Disponível em: <http://www.portalmunicipal.org.br/entidades/famurs/dado_geral/mumain.asp?iIdEnt=5523&iIdMun=100143090>.



produção do videodocumentário, a equipe de comunicação da FACINTER, durante dez dias, teve que se deslocar até as residências dos moradores mais antigos da cidade a fim de entrevistá-los e captar as imagens. O registro fotográfico aconteceu juntamente às atividades do videodocumentário, a princípio apenas como complemento do material em vídeo e documentação do dia a dia da equipe. Mas devido à riqueza de motivos a serem retratados identificados durante os deslocamentos, transformou-se em um projeto paralelo de documentação fotográfica. Durante as longas caminhadas da equipe em busca dos personagens para o vídeo, observou-se que diversas profissões, atualmente em extinção nos grandes centros, eram exercidas por moradores, e de forma ainda tradicional. Profissões como barbeiro, ferreiro, agricultor e produtor de cachaça, sendo que estes profissionais efetuam todo o trabalho de forma rústica, sem o auxílio de tecnologias avançadas. Por isso, uma das temáticas do projeto fotográfico foi acerca das profissões tradicionalmente exercidas por habitantes de Cerro branco.

A pesquisa agora pretende apresentar esses materiais à população de Cerro Branco, formalmente e de acordo com as metodologias científicas possíveis. Com isso, este trabalho visa observar, analisar e confrontar os dados que serão coletados durante a interação com os moradores de Cerro Branco, com o objetivo de proporcionar à cidade uma base para a construção de sua história independente.

6 CONSIDERAÇÕES

È possível que o trabalho tema deste artigo seja útil não apenas como análise científica, mas que seu resultado seja perpetuado como forma de colaborar para o crescimento cultural e intelectual do Brasil. Essa foi a principal motivação para este estudo que também é resultado de uma ação do governo federal que visa aproximar estudantes universitários da população marginalizada do Brasil, fazendo com que estes estudantes desenvolvam seu lado crítico em relação a diversos aspectos do país e de suas futuras profissões. O Projeto Rondon, assim intitulado pelo governo federal, foi a grande ferramenta que possibilitou a mudança de alguns paradigmas culturais da equipe participante no município de Cerro Branco, e possibilitou a visão do estudo proposto e a sua importância para o desenvolvimento pessoal dos envolvidos e também do país.



REFERÊNCIAS

ANDRADE, Roseane de. **Fotografia e Antropologia: olhares fora - dentro**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. Rio de Janeiro, 2006. Nova Fronteira.

BRAUNE, Fernando. **O surrealismo e a estética fotográfica**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

DINIZ, Livia G. dos Santos; VEIGA, Adriana I. M. **A Imagem Fotográfica como Construção Social e Cultural**. Paraná, 2010. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-diniz-fotografia.pdf>>. Acesso em: 21/09/2010

FURTADO, Orleães Alan Mendonça. **O discurso do fotojornalismo independente na guerra do Iraque**. Universidade do Vale do Rio dos Sinos – São Leopoldo – RS – 2008. Formato: PDF – Trabalho de Pós-graduação em Ciências da Comunicação. Disponível em: <http://bdtd.unisinos.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=568>. Acesso em: 19/09/2010

MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001. Disponível em: <http://www.admead.ufla.br/moodle/file.php/1/moddata/glossary/1/100/MATOS-Etnografia2001.pdf>. Acesso em 15/11/2010

OMAR, Arthur. **Arthur Omar Fala Sobre o Poder Transformador da Arte**. Globonews em Pauta 2010. Disponível em: <<http://video.globo.com/Videos/Player/Noticias/0,,GIM1360085-7823-ARTHUR+OMAR+FALA+DO+PODER+TRANSFORMADOR+DA+ARTE,00.html>>. Acesso em: 25/10/2010.

SOUZA, J. P. **Fotojornalismo**. Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. Porto, 2002. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-fotojornalismo.pdf>>. Acesso em: 05/10/2010.

SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. São Paulo: Schwarcz, 2008.